NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIV NÚMERO 133 ABRIL 1956

PAPEL DA ACÇÃO CATÓLICA, DO PÁROCO E DO ASSISTENTE ECLESIÁSTICO NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO MEIO RURAL
— P.e Aurélio G. Escudeiro
— Dr. Orlando Leitão 65
O CALVÁRIO DOS RANCHOS MIGRATÓRIOS
— José M. Magalhães 73
A VOZ DE ROMA SOBRE O MUNDO RURAL
— F. Cosme 76
ENSINEMOS O POVO CRISTÃO — Cláudio Teixeira 82
OS PROBLEMAS ECONÓMICO-SOCIAIS DO MUNDO RURAL
— Entrevista com o Sr. Eng.º Castro Caldas 86
PÁGINA DE POESIA — MANHÃ DA ANUNCIAÇÃO
— Fernando Melro 90
LIVROS NOVOS 91
CRÓNICA 94

ESPIRITUALIDADE

COLECÇÃO «FOLHETOS DE VIDA ESPIRITUAL»

Constituída por magníficos livrinhos para meditação e reflexão pessoal, úteis também para recolecções e reuniões de militantes. Densos de doutrina mas compreensíveis.

Cada página, cada linha estão impregnadas da mensagem evangélica e citam os melhores autores da espiritualidade católica.

Volumes brochados de 32 a 128 páginas — capa a 2 cores

1 — «Meditações sobre o Magnificat» *(P.e Gaston Courtois* ..... 8$00
2 — «Meditações sobre a Salvé Rainha» *(Agnés Richome)* ..... 4$00
3 — «A Boa Disposição» *(P.e Gaston Courtois)* ..... 4$00
4 — «Disponibilidade» *(P.e Jean Pihan)* ..... 4$00
5 — «Na Intimidade com Jesus» *(P.e Gaston Courtois)* a sair

Edições SET

Sociedade Editorial «O Trabalhador»

Rua António Maria Cardoso, 68 - 2.º — LISBOA

NOVELAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Redactores — ANTÓNIO AUGUSTO SARAIVA LEITÃO
— JOSÉ GONÇALVES MENDES
Administrador — ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA
Proprietário e Editor — NICOLAU DIAS BAPTISTA

Composição e impressão na Casa Nun'Alvares — Gouveia — Telef. 109

AO CLERO E DEMAIS EDUCADORES

Só a **Casa do Desporto** *pode fornecer o competente material desportivo para Seminários, Colégios, Escolas e Catequeses com a qualidade e sortido necessários e com descontos especiais.*

Tome nota para seu proveito:

CASA DO DESPORTO

Rua da Madalena, 196 — LISBOA — Telefone 30606

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

◆

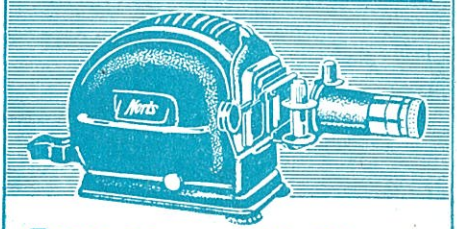
As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

◆

Rua das Flores, 191 a 211 — PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50 — LISBOA

PROJECTORES DE IMAGENS FIXAS **Noris**



Para os formatos de { **24x36 mm** / **18x24 mm**

EMPREGANDO DIAPOSITIVOS MONTADOS EM CACHES DE 5X5 CM, OU FILME DE 35 MM NÃO CORTADO.

- *ESMERADO FABRICO ALEMÃO.*
- *APRESENTAÇÃO MUITO ELEGANTE.*
- *SISTEMA DE ILUMINAÇÃO APERFEIÇOADO COM FILTRO TÉRMICO.*
- *OPTICA FLUORETADA DE EXTREMA LUMINOSIDADE.*
- *DIMENSÕES MÍNIMAS, RENDIMENTO MÁXIMO. TAMBÉM PARA BATERIAS 12 V.*

FORNECIDOS EM ELEGANTES ESTOJOS
PREÇOS: ESC. 1.290$00 E ESC. 2.250$00

INDISPENSÁVEIS AOS AMADORES FOTOGRÁFICOS, SACERDOTES, PROFESSORES, CONFERENCISTAS E A TODOS QUE PRECISEM DE PROJECTAR DIAPOSITIVOS A CORES OU A BRANCO E PRETO

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Representante: **M. SIMÕES JR.** { *R. DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º* / *TELEF. 3 0306 • LISBOA*

Ao serviço do automobilista

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimento não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

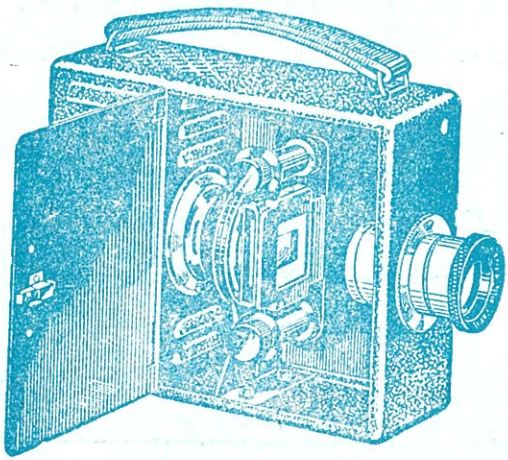
ASSIM PENSA

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

EX.MOS PAROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses :

RELIGIOSOS

Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º LISBOA

Sassetti & C.ª

Instrumentos de Música

Têm o maior gosto em pôr à disposição de V. Ex.a os seus serviços, através das suas secções de:

MÚSICAS de todas as edições
DISCOS das melhores marcas
PIANOS e ÓRGÃOS novos e em segunda mão
T. S. F. Ponto-Azul, Siemens, Schaub, Siera, etc., etc.

54, Rua do Carmo, 58 **LISBOA** **Telef. 21657**

DEFENDA A SUA VISTA

Usando Lentes e Armações de 1.ª qualidade

Casa especializada na execução de receitas médicas



Óculos * Estojos
Lupas * Binóculos
Termómetros
Barómetros * etc.

OPTICAL, L.DA

Rua Eugénio dos Santos, 30-2.º LISBOA — Telef. 367762

Concedemos os maiores descontos

PAPEL DA ACÇÃO CATÓLICA, DO PÁROCO E DO ASSISTENTE ECLESIÁSTICO NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO MEIO RURAL

I

A Acção Católica e os problemas do meio rural

1. Quem conhece a Acção Católica como *obra de apostolado* poderá estranhar o título que encima estas linhas.

Que relação poderá ter o trabalho apostólico deste Movimento providencial com a solução dos problemas rurais, que dependerão por vezes de factores sociais e económicos só domináveis em plano muito superior e com grandes dificuldades?

Porém, como é sabido e tem sido posto em evidência por autoridades na matéria, é característica notável da Acção Católica a sua *flexibilidade orgânica essencial.*

Quer dizer, o seu campo de apostolado coincide com o da própria Igreja: aquele abarca o que este compreende; não alcança um o que o outro exclui. A Acção Católica «abster-se-á, interessar-se-á, intervirá, na mesma medida em que a Hierarquia o fizer» (1)

Ora muitos problemas de ordem temporal têm aspectos morais e religiosos que nem a Igreja, nem conseguintemente a Acção Católica podem desconhecer. Por outro lado, nada do que diz respeito à dignidade e à consciência do homem lhes é, em boa verdade, completamente estranho e indiferente.

Evidentemente, não se pretende com isto sustentar que a Acção Católica tenha de intervir, ela mesma, em todas as questões que impliquem com a moral e a religião.

Na verdade, em muitos casos bastará uma actividade meramente formativa dos respectivos membros, a qual nem por isso será menos útil, pois há problemas gravíssimos e prementes, àcerca dos quais os próprio católicos neles envolvidos têm vistas erradas, ou não têm mesmo ideias nenhumas, por falta de quem lhes abra os olhos e chame a atenção para os aspectos mais dignos de reparo.

Além disso, segundo o método próprio da Acção Católica — *ver, julgar e agir* — não há estudo, destinado a inquirir dos factos e a apreciá-los à luz da sã doutrina, que não deva ser lògicamente completado pela actuação indispensável para remediar os males verificados e apreciados.

---

(1) F. Lellotte, S. J., *Para realizar a Acção Católica,* Lisboa, 1949, pag. 58.

Trata-se aqui,é certo, de pequenas acções de ordem local (normalmente ao nível da paróquia, embora por vezes abranjam regiões e até mesmo Dioceses inteiras).

Mas de nenhum modo ficam excluidas as campanhas de âmbito nacional, os planos de conjunto, as actuações de maior envergadura.

Basta, como atrás se disse, que a Hierarquia as ordene, genérica ou especificadamente.

No caso concreto de Portugal, já essa determinação de algum modo existe.

De facto, o *Estatuto das Organizações e dos Organismos Especializados da Acção Católica Portuguesa*, aprovado em nome de todo o Episcopado Português (2), impõe, no § único do seu artigo 18.º, o seguinte:

«Os organismos especializados, destinados às classes trabalhadoras, deverão, ainda, de modo especial:

1.º atender à vida profissional dos seus associados e à defesa dos interesses dos mesmos, contra os riscos do meio profissional;

2.º fazer quando for possível, para elevar e melhorar a sua condição social».

Estão neste caso, manifestamente, os organismos operários.

Estão-no igualmente os chamados organismos agrários, *Liga Agrária Católica (L. A. C.), Liga Agrária Católica Feminina (L. A. C. F.), Juventude Agrária Católica (J. A. C.) e Juventude Agrária Católica Feminina (J. A. C. F.)*, os quais, apesar de não serem, como aqueloutros, exclusivamente destinados a uma classe, mas antes a todas as pessoas, de qualquer condição, que vivem no meio rural (3), compreendem no seu âmbito, todas as pessoas que se dedicam ou estão ligadas ao trabalho agrícola.

2. Os problemas do meio rural, a que a Acção Católica não pode, como vimos no número antecedente, ficar indiferente, são muitos e de índole muito diversa.

Não consentem os limites deste trabalho uma análise exaustiva das coordena-

---

(2) Decreto de 1 de Julho de 1945, do Ex.mo e Rev.mo Cardeal Patriarca de Lisboa, director-nacional da Acção Católica, por delegação dos demais Ex.mos e Rev.mos Bispos.

(3) A L. A. C. destina-se aos homens que, nos meios rurais, se dedicam ou estão ligados a trabalhos agrícolas, e aos que vivem habitualmente nesses meios, incluindo os proprietários, *mesmo que tenham títulos académicos ou exerçam actividades normalmente enquadradas noutro organismo da Acção Católica*, salvas apenas as excepções autorizadas pela Direcção Nacional da Liga Católica. A L. A. C. F. agrupa as mulheres que estiverem em iguais circunstâncias, sobretudo quando façam parte da família dos homens nas condições referidas e com eles vivam em economia comum. A J. A. C. enquadra os rapazes e a J. A. C. F. as raparigas que, nos meios rurais, se dedicam ou estão ligados a trabalhos agrícolas ou são parentes de homens ou mulheres capazes de pertencer à L. A. C. ou à L. A. C. F. vivendo em comum com eles. Devem ainda inscrever-se na J. A. C. e na J. A. C. F., respectivamente, os rapazes e raparigas que, *vivendo em meios rurais*, exercem profissões que exijam pelo menos, o curso geral dos liceus ou equivalente; vivem de recursos próprios, sem encargos de profissão; fazem estudos secundários ou superiores em regime doméstico ou livre e têm razões particulares para não pertencer aos organismos escolares ou universitários; frequentam escolas não integradas em qualquer outro organismo; vivem em economia comum com pessoas capazes de se inscreverem na LEC, LIC, LUC, LECF, LICF ou LUCF *(Estatuto citado*, artigos 27.º e § único, 33º, 35º, alínea b), 39º, 41º e § único, 45º e § único, 47º e § único).

das de todas elas e das possibilidades de solução humana e cristã que, para cada um se podem entrever.

Limitarmo-nos-emos, assim, a percorrer em rápida revista os mais importantes e mais comuns. Esta precisão (mais comuns) tem de fazer-se se se não quiser ignorar as diferenças reais que se notam entre as várias regiões do nosso País.

a) **Problemas religiosos:**

Falta de clero; religiosidade superficial e meramente tradicional; crendices e superstições; influência do protestantismo e do comunismo (4); as grandes distâncias entre muitas povoações e a Igreja Paroquial.

b) **Problemas morais:**

Trabalho aos Domingos e dias de preceito; falta de recato: nas conversas, nas relações de jovens tanto do mesmo como de sexo diferente, entre irmãos e irmãs e entre pessoas da mesma família; o namoro, tal como é entendido e praticado por muitos; a imoralidade existente em certos trabalhos agrícolas ou nas circunstâncias que os rodeiam, como é o caso das desfolhadas e dos ranchos migratórios; romarias; bailes, cinema e outros divertimentos.

c) **Problemas económicos:**

Fraco rendimento da propriedade agrícola, por causas múltiplas (divisão excessiva, erosão, falta de água de rega, apetrechamento deficiente, processos rotineiros, prática inexistência de cooperativas, preços pouco compensadores devidos por vezes a uma «política» que sacrifica o produtor ao consumidor); consequente insuficiência na remuneração do assalariado rural.

d) **Problemas sociais:**

Falta de regulamentação do trabalho (horário, férias); previdência pràticamente inexistente (na doença, na invalidez, na velhice, no desemprego, mormente nas crises de trabalho cíclicas de certas regiões); alimentação deficiente ou desiquilibrada; higiene quase desconhecida; mortalidade infantil; alcoolismo; habitações sem os necessários requisitos de salubridade, de higiene, de separação de sexos, etc; analfabetismo e incultura gerais; o «complexo de inferioridade» do rural; o serviço militar e os seus perigos; êxodo para as cidades tanto de homens e rapazes como de raparigas solteiras (criadas de servir) sem a necessária preparação (5); emigração.

---

(4) nítida, por exemplo, em algumas regiões da diocese de Beja, onde o clero é escasso, a Acção Católica incipiente e são agudíssimos alguns problemas económico-socais.

(5) A esmagadora maioria das mulheres de má vida de Lisboa, registadas como tais pela polícia, é constituída pelas que vieram da província, como criadas.

3. Em todos estes problemas, cuja seca enumeração terá bastado para se ver como são múltiplos, complexos e sérios, que papel deverá ter a Acção Católica?

Já atrás se disse, duma maneira geral (6), que em primeiro lugar está a formação dos respectivos membros, àcerca da existência, da gravidade e das possibilidades de solução de tais problemas, à luz da doutrina e moral católicas. Formados e esclarecidos os filiados, a actuação consequente dos mesmos, insertos como se acham em pleno meio rural, à maneira do fermento que leveda a massa, promovérá insensìvelmente uma renovação do ambiente total e a compreensão, por todos, do que é mister fazer, ou evitar.

Mas nem este é o único processo possível, nem muitas vezes a gravidade e urgência dos casos se compadece com solução tão lenta. Por outro lado, sabendo-se como o exemplo é convincente e empolgante, impõe-se muito frequentemente uma acção concreta, determinada, visando atingir este ou aquele fim, que será resolver ou ao menos contribuir para a resolução dum ou doutro problema mais premente.

Em face da índole própria da Acção Católica e das lições da experiência já neste sentido realizada pelos seus organismos agrários podem apontar-se as seguintes possibilidades gerais de actuação: cursos e dias de estudo; reuniões; campanhas; publicações.

a) Cursos e dias de estudo

Procurando criar e formar um verdadeiro escol rural, que dê ao meio agrário consciência do seu valor e das suas possibilidades, reais mas ainda por desenvolver, a Acção Católica vem progressivamente dedicando maior atenção à realização de cursos e dias de estudo, nos quais também em ritmo crescente se têm estudado, a par dos aspectos de formação espiritual e da técnica do apostolado, os diferentes problemas que afligem o meio rural.

Estes cursos, que normalmnete têm por base um, nacional, realizado em turnos inter-diocesanos e depois desdobrado e alargado em cursos diocesanos e regionais e dias de estudo nas secções paroquiais, têm assim possibilidade de atingir os diversos escalões de responsáveis (dirigentes diocesanos, delegados regionais, dirigentes e militantes de secção) e por vezes até os simples filiados.

b) Reuniões

A vida da Acção Católica não consiste só nas reuniões: ela é, sobretudo, apostolado, acção, e é em ordem a este fim que se realizam aquelas. Todavia, não pode ignorar-se o seu papel formativo e a possibilidade, que dão, de fazer chegar à massa, articulada, orgânica e adaptadamente, os princípios a difundir.

Tomando como exemplo a J. A. C., veremos serem as seguintes, sob os aspectos que nos ocupamos, as suas principais reuniões *ordinárias:*

— *regionais* (mensais) em que o delegado regional (agente de ligação entre a

(6) Supra, n.º 1.

Direcção Diocesana e as secções paroquiais, cuja área de acção se aproxima bastante da das vigarias) reune os presidentes, e por vezes também outros dirigentes das secções do seu sector a fim de proceder à adaptação das orientações superiores e de «tomar pulso» às actividades em curso;

— de *direcção* de secção (mensais), para estudo e deliberação das actividades a lançar na paróquia, adaptação das normas dadas na reunião regional e revisão da acção do mês anterior;

— de *militantes* (quinzenais), aquelas cuja regularidade e rendimento definem o nível da secção respectiva; destinadas especialmente à formação dos militantes, compreendem uma parte de formação religiosa, outra de discussão de actividades (exame da acção pessoal desenvolvida na quinzena antecedente; lançamento de trabalhos para a seguinte) e outra ainda de estudo:

— de *grupo* (quinzenais): dos militantes com os rapazes (tratamos da J. A. C., como atrás se disse), filiados ou não, de que cada um daqueles é especialmente responsável; assim chegam à periferia as orientações gerais e os resultados do estudo realizado;

— *gerais* (mensais), destinadas a toda a juventude da freguesia, de carácter recreativo e formativo, sempre com um ponto de estudo, ligado com a campanha que estiver em decurso e que resume, para o valorizar, o estudo feito em todas as reuniões do mês que finda;

— de *piedade* (mensais), normalmente comuns a todos os organismos agrários da paróquia, cujos filiados solenemente participam na Santa Missa, dialogando-a, cantando-a, precedendo meditação e seguindo-se acção de graças, uma e outra em comum.

c) Campanhas:

Alguém as definiu como «mobilizações gerais de toda a vitalidade e força dum ou vários organismos, em ordem à consumação de determinado objectivo».

Merecem aqui citação especial, por directamente visarem problemas do meio, entre outras, as seguintes: da moralidade pública (espectáculos, publicações, bailes, prostituição ambulante nas feiras e romarias, etc.); da habitação, dos ranchos migratórios.

São em regra conscienciosamente preparadas por *inquéritos gerais,* que fazem «despertar» o meio para a questão em causa, permitem conhecê-la melhor e orientar a solução a preconizar.

d) Publicações:

Três são os tipos fundamentais de publicações periódicas da Acção Católica agrária:

— Boletins de orientação para dirigentes;

— Boletins de militantes, destinados a ajudá-los a prepararem bem e a tirar fruto das reuniões de militantes e de grupo;

— Jornais mensais, para a massa, filiada ou não.

De forma diferente, é certo, consoante a respectiva índole, todas estas publicações podem dar e efectivamente dão largo e positivo contributo para o esclarecimento e resolução ulterior dos principais problemas rurais.

Isto em geral. Relativamente a cada um dos grupos de dificuldades do meio (7), a Acção Católica tem já trabalhado ou pode vir a trabalhar nos sentidos resumidamente enunciados a seguir:

Problemas religiosos: campanhas permanentes do Natal e do Pentecostes, destinadas a dar o verdadeiro sentido cristão a estas quadras; formação religiosa e doutrinal nas reuniões; reuniões de piedade; retiros espirituais para filiados e para não filiados de fruto verdadeiramente surpreendente em alguns casos, como o dos retiros para casais.

Problemas morais: campanha contra a imoralidade pública (na J. A. C., onde foi campanha do ano em 1952/53 e 1953/54, passou a campanha permanente por voto do Conselho-Geral de 1954); campanha do Carnaval (permanente); campanha da infância (especialmente quanto à educação moral); inclusão do problema nos jornais por vezes sob o aspecto, que desperta muito interesse, de cartas dos leitores àcerca dum dado caso concreto, a respeito do qual se abriu discussão, encerrada oportunamente com um resumo que faz aplicação da doutrina cristã na matéria.

Problemas económicos: formação doutrinal nas reuniões; visitas de estudo a organismos agrícolas oficiais e a propriedades ou fábricas particulares; participação nos cursos promovidos pelos serviços agrícolas oficiais (podadores, manageiros, etc.); consultório e páginas agrícolas nos jornais; debate e orientação, nos mesmos, dos assuntos que mais a isso se prestam, o que, ao memo tempo, acorda para o aspecto *profissional* que esses mesmos problemas revestem.

Problemas sociais: formação doutrinal nas reuniões; campanha da habitação, que levou em algumas paróquias a resultados práticos dignos de serem seguidos; orientação geral nos jornais; inquérito sobre os programas escolares; bibliotecas nas secções; reuniões especiais de preparação dos rapazes apurados para o serviço militar; festas de despedida dos novos soldados ;«secção» de Lisboa (anexa à Direcção Diocesana), destinada a colher, amparar e preparar adaptação ao novo meio, bem como a transferência para o organismo adequado (J. O. C., na maior parte dos casos), dos jacistas que vem empregar-se em Lisboa, etc.

II

O Pároco e os problemas do meio rural

4. Representante do Bispo da Diocese junto das almas que lhe foram confiadas, o Pároco é, por isso mesmo, presença da Igreja junto dessas almas. Se à Igreja compete salvá-las, iluminando-as nos caminhos da vida, ministrando-lhes o pão da palavra divina e a vida da Graça pelos Sacramentos, há-de o sacerdote com múnus pastoral fazer plenamente esta missão.

(7) Supra, n.º 2.

A Igreja não descura nenhum dos aspectos da vida humana, pois olha o homem completo. Tudo o que ao homem interessa, tudo o que o ajuda a viver bem, a bem realizar-se. tudo isso interessa por igual à Igreja. Sabido é como não descura ela as correntes da vida, o ambiente em que o homem se realiza, as estruturas sociais que condicionam e conduzem a humanidade. Sente-se ela, por isso, responsável por bem as orientar, para que não deixem de servir os homens que o mesmo é dizer servir a Deus.

Nestas correntes de vida se encontram e contralizam, já o vimos, os problemas de qualquer meio, no nosso caso, os problemas do meio rural.

Não pode o Pároco deixar de os tomar em consideração, já que eles exercem influência na vida dos seus paroquianos, fazendo até, por vezes, parte dessa mesma vida.

Problemas esses que são produto e factor do meio ambiente e que levam, lògicamente, o paroquiano a responder aos apelos do Senhor, consoante o modo de pensar, de sentir e agir desse ambiente. Temos de reconhecer que o conjunto desses problemas, que constituem algumas das estruturas sociais do meio rural, se organiza sob o influxo do técnico e do económico, e cada vez mais à margem da Igreja. Urge considerar a atitude do Pároco, quer no sentido pessoal, quer na orientação a dar as paroquianos.

Uma e outra hão-de inspirar-se no ângulo cristão e não apenas no sentido religioso; isto é, ver e levar a ver os problemas no ponto de vista económico, profissional, social, moral e religioso, e, tantas vezes, familiar.

Ao Pároco e aos paroquianos compete fazer com que seja buscada a solução do problema no sentido católico.

Não se trata apenas de respeitar a dignidade humana, mas de aplicar, concretamente, a doutrina da Igreja, até no aspecto social.

Se a técnica lhe escapa, se o económico é do técnico, não se pode esquecer, como já fica dito (8), que o económico, além de assentar em leis que se prendem com a justiça e a caridade, vai jogar com o homem completo, total, indivisível, sendo-lhe concomitantes os aspectos moral e religioso.

As técnicas não valem se não servirem e não respeitarem o homem e o que de divino há nele. Ver e levar a ver os problemas do meio agrário a esta luz, tal é a primeira atitude do Pároco rural.

Não basta, contudo, ficar por aqui.

Se urge cristianizar aquela corrente de vida, serão os paroquianos, como técnicos ou profissionais, mais ou menos interessados, que o farão.

Ao Pároco pertence esclarecê-los, formá-los na doutrina da Igreja, mostrar-lhes a necessidade, obrigação e urgência da sua actuação naquele sector. Levá-los-á a dar e ser testemunho de vida cristã naquele meio, na actividade exigida por tal problema, de modo a que a solução do mesmo, não só não vá contra a doutrina da Igreja, mas antes se organize consoante as normas e orientações pela mesma fornecidas.

---

(8) Supra, n.º 1.

III

O papel do Assistente Eclesiástico

5. Junto dos filiados, terá atitude semelhante à do Pároco perante os paroquianos. Mas tem de ir muito mais além, já que eles são o escol ao serviço da Igreja.

Não pode, com efeito, esquecer que os filiados são elementos activos, apostólicos, a quem mais se exige e que têm de ser, *por missão*, presença viva e irradiante da Igreja no meio rural.

Além de esclarecer sobre a atitude que devem tomar, como cristãos e mais ainda como filiados da Acção Católica, acordar-lhes-á o sentido apostólico, urgindo a obrigação de estarem *presentes* na solução dos diversos problemas.

Prolongamento da Igreja (a Acção Católica é o apostolado *oficial* dos leigos, não pode esquecer-se), estarão eles a estudá-los com olhos de católico, a nada deixar de tentar, para que seja segundo as sãs normas a solução procurada.

Não bastará este estudo, sendo necessário que os militantes, pessoalmente ou por meio dos grupos, estejam integrados nos participantes do problema, se tal for o caso, e o vivam, e dominem o *meio* que nele reina, para assim ser bem orientado e conduzido.

Por outras palavras, não é apenas uma atitude de conselho, exortação ou insistente esclarecimento, mas de penetração e actuação, directa quanto possível, nas posições-chave, ou nas bases de comando, o que se requer e há-de exigir dos militantes da Acção Católica.

Isto obriga-os a estudo sério do problema, das bases em que ele assenta, das principais influências em que se desdobra. Procurarão, dentro do método próprio, atingir umas e outras, esforçando-se por que seja norteado no sentido católico, de modo a evitar as más consequências e a fazê-lo render no melhor sentido.

E a tudo isto estará *presente* o assistente, como a alma no corpo, na função que lhe é própria. Missão de iluminar e esclarecer, de impulsionar no apostolado, de caldear no fogo do amor de Deus e do próximo, no serviço da Igreja, de moldar almas ardorosas, apostòlicamente dedicadas, como é a sua, permitir-lhe-á acompanhar os militantes e filiados, esclarecê-los e formá-los *para* e *na* acção, e assim os tornar activos e disponíveis no serviço de Cristo e do meio rural, sem deixar de respeitar e acompanhar as iniciativas deles, a orientação das actividades que, norteadas embora pela doutrina católica, são da sua respectiva responsabilidade. Esta é uma outra faceta da actividade do assistente, porventura a mais difícil: respeitar a personalidade, e o modo de ver e agir dos leigos, dirigentes e filiados da Acção Católica.

P. AURÉLIO GRANADA ESCUDEIRO (*)

— DR. ORLANDO LEITÃO

(*). Assistente Eclesiástico das Direcções Gerais da L. A. C., da J. A. C. e da J. A. C. F.

«O CALVÁRIO DOS RANCHOS MIGRATÓRIOS»

Precisamente na altura em que nos chega às mãos este número da nossa revista, passa-se nos vales do Tejo, do Sorraia e do Sado um fenómeno de marcada projecção nacional: milhares de rurais, de todas as idades e de ambos os sexos, em grupos de 30 40, 60, etc., acodem ali a colaborar nos trabalhos do arroz, provenientes de pobres aldeias de distantes e vizinhas regiões da pátria portuguesa. Vêm em geral por dois, três ou quatro meses e juntam-se a outros companheiros que tinham chegado já anteriormente para trabalhar na grande e média lavoura daquelas paragens, uma vez que os braços locais são em número insuficiente, ou não aceitam com facilidade as condições que os patrões lhes oferecem.

São irmãos nossos, que deixam por um período mais ou menos longo a terra que os viu nascer e o pobre telhado que os abrigou desde os primeiros anos da vida e que foi testemunha do despertar de inúmeras aspirações. São vidas humanas, que se despedem do ambiente aconchegado da família para se colocarem à mercê da indiferença, do egoísmo, das solicitações de toda a ordem, do próprio desprezo dum mundo inteiramente novo e heterogéneo, onde a moral quase não conta. São «corpos sem alma» — como tais os tratarão, pelo menos — muitos deles de raparigas e rapazes ainda ontem saídos da escola, que vêm conhecer, na vida inconcebível de promiscuidades que os espera, todos as matizes possíveis da degradação humana.

*

Muita gente tem ouvido falar dos *«ranchos migratórios»*. É do conhecimento de quase todos que, nas épocas próprias, as *vindimas* (no Douro, no Ribatejo, etc), a *apanha da azeitona* (no distrito de Santarém, Portalegre e vários outros), as *ceifas* do trigo no Alentejo, e os amanhos nos *arrozais* das mais importantes zonas agrícolas, reclamam a presença dum grande volume de mão de obra, recrutada em diversos pontos do País de elevada «pressão» demográfica. Verifica-se a cedência temporária por parte de regiões agrícolas sobrepovoadas (tais como as Beiras, o Algarve, etc.), de naturais seus, em favor de outras de fraca densidade e onde predomina a cultura extensiva, em especial nas grandes propriedades. E observa-se ainda, como nota o Prof. Amorim Girão a propósito dos movimentos de pequeno raio, «a velha função antropogeográfica das montanhas de fornecer braços para a planície».

Tudo isto é vulgarmente conhecido. E são de igual modo conhecidas as consequências que estas deslocações acarretam para as pessoas que nelas participam e para as terras onde elas se dão. Quem há aí, com responsabilidades nos problemas do mundo rural, que não tenha ouvido falar no regime de vida da gente dos ranchos, na exiguidade miserável da sua alimentação, nas péssimas condições dos alojamentos que lhes

destinam os proprietários, na espantosa promiscuidade em que dormem casais, homens mulheres, rapazes, raparigas, crianças mesmo? Quem é que desconhece o ambiente dos frequentíssimos bailes nocturnos, o escândalo da vida moral da própria juventude a partir dos 13 — 14 anos e ainda menos, em que os patrões e os capatazes surgem por vezes na lista dos primeiros culpados?

E todavia, sendo tudo isto tão corrente e constituindo este problema uma «questão social» ao mesmo tempo tão grave e tão apaixonante, muito pouco parece preocupar aqueles que têm obrigações. E o caso não vem de ontem! «Ratinhos», «beirões», «beiroas», «algarvias», «caramelos», «gaibéus», «charnecos» (e até «bimbos» e «gambozinos», como também, desprimorosamente os apelidam às vezes, nas terras para onde vão trabalhar), — muitos destes pobres nómadas dos nossos campos palmilham, há já uma boa porção de anos, os mesmos caminhos em épocas invariàvelmente idênticas, à procura do pão que na terra não acham e na intenção de arranjarem uns escudos com que hão-de pagar uma dívida ou comprar um modesto enxoval em vésperas de casamento.

Não cabe no âmbito destas ligeiríssimas considerações dar uma ideia clara e completa sobre os aspectos que revestem os movimentos migratórios periódicos, ocasionados principalmente por altura das fainas agrícolas atrás apontadas. De resto, só quando se observam de perto todas as circunstâncias, sobretudo quando se assiste à verdadeira «exploração» de que são constantemente vítimas as humildes criaturas dos ranchos, é que se pode ajuizar da inferioridade de vida destes seres humanos e sentir nascer em nós alguma chama que nos lembre a cada momento a responsabilidade inadiável que pesa sobre todos.

Infelizmente o problema tem sido votado ao mais incompreensível olvido. Pode dizer-se que nenhuma importância se lhe tem dado. Basta ouvir as queixas de qualquer participante dos ranchos, falar com pessoas das regiões onde eles trabalham ou donde eles saem, ouvir a opinião dos técnicos dos Serviços ligados à Agricultura, auscultar os próprios patrões, observar o que se passa na esmagadora maioria das nossas Herdades e Quintas. As respostas aos inquéritos lançadas pela Acção Católica Agrária às suas Secções confirmam em absoluto tudo quanto se podia já afirmar, e concretizam mesmo vários pontos.

Estranha realidade, esta, mas autêntica realidade!...

*

Para nós, que nos preparamos para levar Cristo ao mundo, esta questão assume um interesse que não vale a pena encarecer. Apesar de ser da vontade de muitos que o Padre fora dos actos do culto não tenha preocupações que ultrapassem os limites da sua sacristia, sabemos muito bem — ou devemos sabê-lo — que a nossa presença é exigida pelo Mestre em todos os terrenos em que a Sua Mensagem Redentora esteja a ser esquecida, quando não desprezada e combatida. E isto, mesmo que tenhamos de sofrer a perseguição dos «lobos»! «Eis que Eu vos mando como ovelhas no meio de lobos» (Mt., X — 16).

Ora o problema dos ranchos migratórios para poder algum dia ser solucionado satisfatòriamente, reclama uma bem actualizada e orientada acção apostólica, em que padres e leigos da Acção católica terão de conjugar lado a lado os seus esforços.

Em primeiro lugar temos de fazer quanto estiver em nós por conseguirmos que melhorem as instalações dos trabalhadores (hoje o seu estado é tal, que difìcilmente poderão ser piores) e que sejam atenuadas as duras condições do seu trabalho, descanso, alimentação, higiene, etc. Sem isso, essa base essencial, é como se tivéssemos de «pregar a estômagos vazios».

Depois abre-se na nossa frente um vasto programa de doutrinação e de amparo espiritual. Há já muitos Sacerdotes que previnem os seus paroquianos dos perigos que os esperam, quando partem, e procuram incutir neles força suficiente para não serem dominados pela adversidade do ambiente. Alguns mesmo escrevem-lhes e chegam a visitá-los, enquanto permanecem no trabalho fora da terra. E há casos formidáveis de apostolado de membros da A. Católica, que fazem prever as grandes possibilidades que continuam abertas neste campo, se as quisermos e soubermos aproveitar.

Infelizmente, porém, tudo isto é quase nada em face do muito que é preciso fazer. Quantos ranchos sem assistência religiosa nenhuma! Quantos sem ninguém que vele pela pureza da gente nova! Quantos os que a cada momento vêem as suas pobres raparigas desonradas e a arrastarem depois uma vida de autênticos farrapos! Quantos os que trabalham no dia do Senhor e não assistem à Santa Missa, apesar de habituados nas regiões de origem a procederem diferentemente! E quantos ainda, ao regressarem, não levam consigo lamentáveis vícios e «outras ideias», quantos não abandonam por completo a prática da Religião!!

Não se diga que isto é pessimismo. Não é. São realidades — basta abrir os olhos e ver. *Temos mesmo obrigação* de ver, julgar e agir, para que não nos possam lançar em rosto que «os filhos das trevas são mais prudentes que os filhos da luz».

JOSÉ M. MAGALHÃES

A VOZ DE ROMA SOBRE O MUNDO RURAL

De tal maneira a Humanidade se tem preocupado com o operariado que nos habituámos já a ligar ao Mundo operário tudo o que se relacione com o «Social». Acontece, porém, que um outro problema existe, tão importante quanto desconhecido e para o qual se torna urgente uma Solução — O MUNDO RURAL — «que está a sofrer uma transformação talvez mais radical que a transformação que conheceu e continua a conhecer, o mundo operário e industrial» (1).

A Igreja, guarda fiel dos legítimos direitos de todos os homens, sempre tem velado pela sua justa observância e ao vê-los lesados, é a primeira a despertar a atenção dos responsáveis pela recta ordenação do Homem para o seu fim último.

Por isso, temos assistido, nos últimos anos, a grandes e solenes intervenções dos Romanos Pontífices para preservar o operariado dos intoleráveis abusos a que deu ocasião um regime, aliás, essencialmente bom — o Capitalismo industrial.

Todavia, a sua influência exercida no meio agrário, embora um pouco atenuada pela que sofreu o mundo económico e industrial, não deixou de preocupar os últimos Pontífices.

Pio XI declarou expressamente na 3.ª Parte da Encíclica «*Quadragesimo Anno*» que a destinava «não só ao bem dos que habitam as regiões do Capitalismo e da Indústria, mas a todo o Género Humano». Porém, o grande impulsionador e o grande mestre tem sido o actual Pontífice, para quem o problema se tem apresentado com toda a sua acuidade:

> **«Sabemos quanto a restauração moral do mundo depende duma classe de agricultores socialmente íntegra e religiosamente firme».** (2)

Dignidade do trabalho agrícola

Para muitíssimas pessoas, se não em teoria, pelo menos na prática, o ser do campo e, sobretudo, o trabalhar no campo, significa um ser imperfeito, um que «não conta» para o nosso tempo, um, digamos a palavra, «desprezível».

No entanto, debaixo daquele rosto tisnado pelo sol e batido pelo vento, esconde-se o cumprimento do universal mandato do Senhor: «comerás o pão com o suor do teu rosto». Pela suas mãos, o trabalhador do campo torna-se «fonte fecunda e necessária de bens exteriores de que os homens têm necessidade». (3)

---

(1) *Directoire Pastoral en Matière Social* — n.º 190

(2) *Pio XII Discurso aos Membros do Congres. dos Agric. Italianos — 15 de Nov. 1946.*

(3) Leão XIII — *Rer. Nov.*

É dever de caridade valorizamos o trabalho e de justiça, velarmos por que os direitos dos camponeses sejam respeitados, enfrentando a má vontade dos que desejam espalhar à sua volta a miséria e a consequente desordem moral.

> «A Nossa boa vontade, como a de tantas pessoas de coração e amantes da justiça, enfrenta-se não só com a inércia e a incompreensão de muitos, como também, e sobretudo, com a vontade deliberada dos exploradores da miséria... que parecem não terem outra intenção senão agravar o mal, reduzir à impotência os que querem trabalhar e os que buscam o modo de lhes fornecer um trabalho honestamente remunerador, excitar o descontentamento e levá-los ao desespero com funestas consequências para o próprio trabalhador». (4)

Encontram-se muitas destas barreiras que destroem o amor à terra, minando a gente simples do povo dum desprezo e, até, ódio pelo trabalho do campo, levando-a a esquecer que, trabalhando, colabora, em alto grau, com acção criadora de Deus.

> «A táctica mais desumana e anti-social é tornar odioso o trabalho. Embora ele faça sentir, muitas vezes, a fadiga dolorosa, é, em si mesmo sem dúvida, capaz de enobrecer o homem porque continua, em tudo o que produz, a obra iniciada pelo criador e é a generosa colaboração de cada um, para o bem estar de todos». (5)

Esta realidade de ordem material, bastaria para suavizar o trabalho por mais monótono e árduo que fosse e para enobrecer até o mais servil e humilde.

Todavia, que mais precisamos nós, os cristãos, para respeitarmos e amarmos as coisas do nosso campo, senão abrir as páginas da Escritura Sagrada? Porventura não foi no campo que nasceu o Evangelho? As suas páginas, em grande parte, estão impregnadas de motivos e ilustrações campestres.

> «Jesus, o Divino Mestre, comprazia-se em ensinar por meio de parábolas. Comparou as nossas almas com a terra na qual semeia os dons da natureza e da graça cabendo-nos a nós fazê-los frutificar... Esta terra, Ele a trabalha e nos ensina a trabalhar com Ele, amassa-a nas vicissitudes quotidianas da vida, submete-a ao fogo da prova para fazer da alma, mais humilde e desgraçada aos olhos dos homens, Sua obra-prima». (6)

Acaso o nosso povo do campo apreciará a dignidade do seu trabalho, se não possuir condições justas de vida?

---

(4) Pio XII — Disc. 27 de Mar. 1949.
(5) Pio XII — Disc. 27 de Març. 1949.
(6) Pio XII Disc. 27 de Març. 1949.

Carácter familiar da agricultura

É indiscutível a necessidade de uma forte e estreita união entre as grandes potências políticas para garantir uma maior solidez da Humanidade. Mas tal não se obterá , se cada Nação não alimentar, nos seus membros, os meios necessários e indispensáveis que fomentem e favoreçam o Bem Comum. Sabemos que, na Comunidade Nacional, o que garante a sua prosperidade é a Família. Portanto, tudo o que contribui para uma maior fecundidade familiar, aumenta e estimula a prosperidade nacional, estabelece a paz e estreita a união entre os Povos. A família encontra no trabalho agrícola a melhor maneira de se tornar, realmente, a célula da vida social. «Nenhum outro género de trabalho está tão adaptada como o seu (dos trabalhadores) à vida de família, como unidade espiritual, económica e jurídica». (2)

A característica que confere ao trabalho agrícola essa força de unidade, vem, precisamente, do facto de ser o único no qual todos os elementos da família podem colaborar e do qual se servem para a sua alimentação.

> «Mais que ninguém, viveis em contacto com a natureza. Contacto material... Contacto também altamente social, porque as vossas famílias não são comunidades apenas para consumir os bens, mas também, e principalmente, comunidades para os produzir. Deste carácter familiar tão profundo, geral e completo e, consequentemente, tão conforme à natureza da vossa vida em família, resulta a força económica e a capacidade de resistência de que estais dotados».

Assim falava Pio XII, em 15 de Nov. de 1946, aos trabalhadores da terra.

Mas Sua Santidade vai mais longe e traça o enorme alcance que esta característica de familiaridade na agricultura pode atingir, quando diz no citado Discurso:

> «A característica familiar torna o Mundo Agrícola capaz de realizar a missão indispensável que lhe incumbe: defender e promover a integridade, a moralidade, a religião; ser o reservatório de homens sãos de corpo e alma, para todas as profissões, para a Igreja e para a Pátria».

A Igreja e a vida rural

Pode dizer-se que a preocupação da Igreja pelo Mundo Rural, se funda principalmente em dois pontos:— A sua grande extensão e a sua extraordinária influência na humanidade.

SUA EXTENSÃO: — A maioria da população mundial encontra-se espalhada por lugares e aldeias — «a maior fracção da Humanidade vive no campo, quer em casais isolados, quer em aldeias e povoados» (3)

---

(2) Pio XII — Disc. aos Membros do I Congres. Internac. de Vida Rural — 2 de Julho de 1951.

(3) Pio XII — Disc. — 2 de Julho de 1951.

Claro que todos estes, vivendo, embora, no campo, não vivem directamente dele. Daqui, uma dupla categoria de pessoas: Os cultivadores pròpriamente ditos «directamente ocupados a trabalhar o solo para lhes fornecer os produtos vegetais e animais destinados a satisfazer as suas próprias necessidades e as de seus semelhantes», e os não cultivadores, mas que «vivem junto deles a fim de lhes prestarem os serviços necessários». (9)

Estes últimos são normalmente esquecidos ao falar-se de «Rurais» e todavia, eles constituem parte integral do meio que será, em grande parte, a resultante da congregação da actividade das pessoas de maior relevo — Pároco, Regedor, Médico, etc. — dos patrões, dos artífices e dos que directamente trabalham a terra.

SUA REPERCUSSÃO: — Precisamente porque muito extenso, todos os seus grandes problemas se repercutem «na estrutura interna do Estado e da Igreja, pela profunda influência exercida sobre a evolução biológica e intelectual, espiritual e religiosa da Humanidade». (10)

Vejamos:

1. *No campo biológico:* «O trabalho da terra é, por si mesmo, gerador de saúde física (e moral), porque nada tonifica tanto o corpo (e a alma) como o contacto benfazejo com a natureza, saída directamente das mãos do Criador». (11)

2. *No campo intelectual:* «O homem do campo mais reflectido que o das cidades, não se deixa levar fàcilmente por momentâneos entusiasmos, nem por palavras sedutoras. Considera o seu verdadeiro interesse e o dos seus». (12)

3. *No campo espiritual:* «É preciso guardar com o maior cuidado no interesse da Nação, todos os elementos da que se poderia chamar genuina civilização rural. São eles: o espírito de trabalho; a simplicidade de costumes; o respeito pela autoridade, sobretudo à dos pais; o amor da Pátria e fidelidade às tradições que durante séculos se mostraram fecundas no bem; a prontidão para o recíproco auxílio não apenas no círculo da própria família, mas também de família em família, de casa em casa; e, finalmente, aquele único valor sem o qual todos os outros não teriam consistência, perderiam todo o mérito e terminariam numa desenfreada ambição de ganâncias.

4. *No campo religioso:* «...o verdadeiro espírito religioso.

Que o temor de Deus, a confiança em Deus, uma fé viva que encontre a sua expressão na oração em família, orientem a vida dos trabalhadores. Que a Igreja continui a ser o coração do povo, o lugar sagrado onde, segundo as santas tradições dos antepassados, cada Domingo reuna os seus habitantes para elevarem os seus espíritos acima das coisas materiais no louvor e serviço de Deus, para alcançarem a força para pensarem e viverem cristãmente todos os dias da semana seguinte». (13)

---

(9) Pio XII — Disc. — 2 de Julho de 1951.

(10) Pio XII — Disc. — 2 de Julho de 1951.

(11) G. Bardet: *Demain c'est l'An 2000.*

(12) Pio XII — Disc. aos cultivadores directores da terra — (Itália — VI Congres.) — 29 de Fev. de 1952.

(13) Pio XII — Disc. — 15 de Nov. de 1946.

Influência do Capitalismo Industrial no mundo agrário ([14])

Pio XI na «*Quadragesimo Anno*», ao falar das vantagens e desvantagens do Capitalismo Industrial, chamou a atenção para os problemas do campo. Com efeito, a sua influência não tardou a sentir-se, apresentando-se com um duplo carácter: Sem dúvida que trouxe vantagens — «todo o bom espírito reconhecerá que o regime económico do Capitalismo Industrial contribuiu para tornar possível e estimular o progresso do rendimento agrícola que em muitas regiões do mundo permitiu elevar, a um nível superior, a vida física e espiritual da população do campo».

Actualmente, porém, este regime é de natureza a «alterar o carácter específico da vida rural assemelhando-a à vida dos centros urbanos e industriais, fazendo do campo uma simples extensão ou anexo da cidade».

As desvantagens que nos trouxe não são devidas ao regime em si mas tão só aos desvios de que foi vítima por parte do marxismo e liberalismo económico.

O Marxismo pretende fazer do campo um anexo da cidade, pois «caiu na superstição do tecnicismo e da industrialização forçada. A «colectivização» do trabalho agrícola, à maneira de uma fábrica; a degradação do campo reduzido a não ser mais que a reserva de mão de obra para a produção industrial».

A isto levou o marxismo. E o Liberalismo Económico? «Vede as consequências... para as populações rurais malbaratadas pelo Capitalismo Industrial:

1. ou uma simples reserva de mão de obra,
2. ou letargia numa existência miserável»!...
3. ou ainda «O EXODO RURAL que, nos nossos dias, se lamenta por toda a parte pela importância predominante dada aos interesses do Capitalismo Industrial na produção e distribuição». ([15]) Em presença destas funestas consequências, necessárias se tornam oportunas medidas de precaução, pois tendem a alterar a vida rural. Lembremo-nos sempre que «o trabalhador dos campos representa, ainda, a ordem natural querida por Deus, ou seja: que o homem deve, pelo seu trabalho, dominar as coisas materiais e não, ser escravos delas». ([16])

*
* *

Muito haveria que dizer sobre a situação dos nossos rurais — a sua oposição com a cidade, os conflitos entre ricos e pobres, a sua obseção pela vida citadina, o seu estado psicológico de desprezados e explorados até pelas excessivas cargas fiscais... As consequências desta ambiência que os cerca, são sumamente prejudiciais à Comunidade Nacional e Religiosa.

([14]) Este assunto, como o anterior, está baseado em: Marcel Clément — *L'Économie Sociale Selon PIE XII — Synthèse Doctrinale* — p. 166 e segs.

([15]) Pio XII — Disc. — 15 de Nov. de 1946.

([16]) Pio XII — Disc. — 15 de Nov. de 1946.

De facto, já se vai afastando o tempo em que muitas das nossas aldeias eram foco de cristianismo autêntico... Ocorre-me, neste momento, a grandiosa Pastoral do Episcopado Argentino pondo a claro o triste estado a que chegou o «catolicismo de fachada» naquela Nação. E em Portugal? Não será também esse, o Catolicismo deste nosso País que se professa quase totalmente Católico?

Não percamos essa preciosa fonte de «restauração moral do mundo» que tanto abundou entre a boa gente do nosso campo.

Mas não podemos recuperar o perdido e conservar o que ainda existe se não possuirmos um conhecimento exacto do estado em que se encontram as nossas aldeias. Então, convencer-nos-emos que os rurais têm fome; fome de bens naturais, sim, mas sobretudo, fome de justiça distributiva e do Evangelho adaptado à sua mentalidade. De contrário, será frutuosa a sua pregação a estômagos vazios?

Velemos pela causa operária, mas vigiemos a fim de não suceder que tentando reconquistar uma fortaleza, em grande parte perdida, deixemos abandonada uma outra não menos importante.

> **«A vida agrícola merece cuidados especiais, solicitudes particulares, enquanto, muitíssimas vezes, a atenção dos Sociólogos e dos homens políticos se concentra de preferência, sobre os problemas surgidos pelas concentrações da grande indústria. Não negamos a urgência e a cuidade detes últimos, mas «Haec oportuit facere et illa non omittere». (17)**

É ainda a Vida Nacional que está em jogo. Cuidemos mais das suas necessidades de ordem material; atendemos às injustiças de que, por vezes, são vítimas; combatamos as falsas doutrinas que minaram o «meio Rural», se não quisermos ver essa boa gente sublevada por agitadores indesejáveis.

Não esqueçamos que, sendo o «Estado uma hamoniosa unidade», tem o dever de cuidar igualmente das classes superiores e inferiores; só assim observará «com inviolável imparcialidade, a justiça distributiva». (18)

É verdade que todas as Reformas Sociais, são árduas e demoradas, mas com o espírito de renúncia e sacrifício duns, de responsabilidade e tolerância doutros e pelo constante e duro trabalho de todos, tudo se conseguirá. (19)

F. COSME

---

(17) Pio XI — *Quadrag. Anno.*

(18) Cfr. Leão XII — *Rerum Novarum.*

(19) Cfr. Pio XII — Disc. ao Sacro Colégio — 2 de Julho de 1948.

ENSINEMOS O POVO CRISTÃO

A ignorância religiosa do nosso povo é um facto, mesmo em terras com grande frequência de sacramentos. Certamente a maior culpa deste estado de coisas não deve ser dos fiéis. A função de Magistério desde há muito tem sido a mais descurada na Pastoral. Administram-se os sacramentos, dirigem-se obras, mas ensinar o povo parece tarefa de acréscimo para «quando há tempo»... Apesar disso, continua a ser verdade que todo o cristão tem direito a conhecer o melhor possível a mensagem a que o Senhor o chamou para vivê-la.

Um homem com responsabilidades na vida perante si, os seus filhos e os seus colegas de trabalho, pensa como homem e não como criança: sente a sério o problema da vida. Aparecer-lhe-á a Mensagem de Cristo como valor para ser vivido na vida concreta, quando ele apenas a conhece como um mundo de ideias decoradas na meninice?

Por outro lado, hoje lê-se o jornal, ouve-se a telefonia, vai-se ao cinema; andam ideias **no ar** que se ouvem na rua, na camioneta, na praça ao domingo, ou na oficina de semana, ...enfim, é toda uma chuva de ditos. Como reage o nosso povo? Veja-se: é frequente seguir-se à mudança de ambiente o abandono da religião... Mas quase é para dizer: — nem admira!, uma fé sem ideias poderá resistir a tantas ideias apontadas como solução de problemas sentidos?

O avanço da civilização causa, em todos os meios, maior abertura a problemas novos e mais complexos. Para se viver cristãmente, todos eles devem ser encarados à luz da mensagem de Cristo. Para tanto, necessário se torna ensiná-la e apresentá-la com profundeza e actualidade.

No campo isto agrava-se. Inventam-se razões para desculpar a incúria do ensino religioso. Ouve-se por vezes dizer que o povo não tem exigências. Se não tem exigências (o que não é certo; o povo tem fome de doutrina), há obrigação de lhas criar. O Evangelho tem valor universal. Nem se julgue, também, que o panorama acima evocado não se verifica nas aldeias. Já lá existe. A situação é cada vez mais grave. O mundo rural está em avanço. Preparamo-lo nós para o futuro?

Psicològicamente, o rural é muito inclinado a pautar o seu pensamento pelo ambiente, pelo costume da terra... A aldeia tem a psicologia duma comunidade. Mas se a mentalidade ambiente mudar (o que hoje não é exageradamente difícil, apesar do tradicionalismo dos rurais), o trabalho posterior de reforma consistirá, em grande parte, num esforço ingente de conversão geral que se imponha aos olhos de todos. Lembremo-nos de que um

tradicionalismo de religião costumeira é a mais frágil base humana da fé. Mas também há valores a aproveitar e o primeiro é a própria fé do nosso povo que continua a ser cristão, nalgumas terras com uma prática intensa, apesar de saber tão pouco... Façamos que essa capacidade de adesão profunda à Palavra de Deus tenha a resposta dessa mesma Palavra. Aproveite-se este momento em que o povo acredita e quer acreditar.

Se houver formação religiosa intensa, a psicologia de comunidade será um valor estrutural da vida cristã duma aldeia. Então, é todo um ambiente a ser conscientemente cristão, cada um a sentir a influência duma convicção geral que se vive.

Graças a Deus, assistimos hoje a uma intensificação da Catequese. Criou-se o Secretariado Nacional, publicou-se um Catecismo com a preocupação de o tornar adaptado às crianças, organizam-se cursos de formação de catequistas e oxalá o mesmo se fizesse para professores católicos de instrução primária... Todavia, importa não esquecer um ponto fundamental. Nos princípios do Cristianismo e na Idade Média não se punha o problema da catequese para as crianças. Era a família e o contacto com os mistérios litúrgicos, então verdadeiramente vividos que as educavam. Só nos séculos XVI e XVII a Catequeese passou a ser função oficial da Paróquia. Portanto, ela veio preencher uma lacuna. O meio mais fértil para a formação cristã da criança é a família. A Catequese tem, apenas, a missão de completar, não a de substituir. Temos que preparar os futuros pais e, sobretudo, as futuras mães para darem a conhecer à criança a História de Jesus, Quem é o Pai do Céu, para ela, enfim, viver tudo isso em família. Urge que as mães saibam ensinar o catecismo aos seus filhos. Isto é fundamental. Seria, por exemplo, uma das tarefas essenciais da J. A. C. F., porque é na Família que a mulher é insubstituível.

A Juventude é campo aberto a todas as influências, não só por natureza, mas ainda porque as circunstâncias da vida actual cada vez mais o favorecem. Por outro lado, a sua maleabilidade permite a correcção dos conhecidos defeitos psicológicos do rural. Todos proclamam que é dela que depende o futuro. Também está provado que a formação religiosa não deve acabar aos 11 ou 12 anos, mas, pelo contrário, é essa a época para começo dum trabalho formativo mais profundo. As conclusões práticas são evidentes.

Há muito tempo que a Igreja insiste na necessidade da Catequese para os adultos. O Concílio de Trento diz que os párocos devem ensinar o povo aos domingos e dias de Festa, e no Advento e Quaresma «todos ou, ao menos, três dias da semana». Pio X, na **Acerbo nimis** afirma ser dever dos párocos ensinar o catecismo aos fiéis, «além da costumada homilia», «sob uma forma fácil e adaptada às inteligências» (note-se a preocupação pedagógica) «porque, sobretudo em nossa época, os adultos não têm menos necessidade que as crianças, da instrução religiosa». Isto exige estudo, porque «enganam-se os que, fiados na ignorância e inferioridade intelectual

do povo, julgam poder nestes assuntos proceder com negligência». O cânone 1333 do Código de Direito Canónico não é menos claro. A Sagrada Congregação do Concílio, no Decreto **Provido sane consilio** de 1935, afirma que «a instrução catequética é o fundamento de toda a vida cristã» e lembra aos párocos que ensinem a doutrina de modo a que o homem cristão não só a conheça e possua por costume, mas tenha uma formação religiosa pessoal, assimilada para ser concretamente vivida. Não basta, portanto, a homilia. Exige-se uma catequese aos adultos, organizada. É certo haver grandes dificuldades para satisfazer essa exigência, como, por exemplo, a falta de tempo e a relutância do povo para se submeter a um ensino um pouco prolongado. Mas a ausência de esforço em vencer esta dificuldade não tem desculpa. O grande alvo a atingir é tornar o ensino atraente, interessante e concreto: contar casos de que se tirem lições, lançar «caixas de perguntas», projecções, pregações simples à noite, nos diversos lugares e em certas épocas, reuniões de famílias, etc. A difusão da leitura torna o espírito mais interessado... Em último caso, suprir a falta de catequese por série doutrinais nas homilias. O espírito dessa catequese assim concretamente realizado — apresentar o Evangelho com interesse actual e para a vida toda — venceria em grande parte a relutância do povo.

E a Liturgia? Notemos que ela não é, primàriamente, uma catequese, mas antes de tudo, essencialmente, uma vivência. Aí está, precisamente, o seu valor formativo. A vivência do mistério da Redenção, pela recepção dos Sacramentos e pela participação na Santa Missa em especial, tem de si as melhores garantias sobrenaturais e naturais para se enraizar na alma popular. A condição de a ensinarmos exige que o povo a viva.

A formação religiosa deve ser integral. E, se o homem de hoje vê cada vez mais aumentar as suas responsabilidades, não precisará o povo cristão de conhecer a Doutrina Social da Igreja ao sentir-se envolvido por problemas sempre mais complexos e de urgência crescente? Ora o Santo Padre diz: «se não se encontram leigos capazes de o fazer, que o padre os instrua e forme o mais convenientemente possível». Esta é, afinal, a condição do meio camponês onde esses leigos não existem, onde a tradicional falta de cultura (o que não significa falta de inteligência) e de iniciativa exige uma formação social concreta dos leigos, geralmente ministrada pelo clero.

Os jornais lêem-se já em todas as aldeias. Há terras cuja vida cristã se renovou por se terem difundido, entre o povo, livros de formação. Existe um movimento intensificador da imprensa regional. Já se encontram, mesmo, algumas bibliotecas paroquiais. O terreno, hoje, está ainda melhor preparado pela campanha de educação de adultos que origina naturalmente uma procura de leituras. O espírito popular abre-se a ideias mais reflectidas e, talvez mesmo, convincentes para o erro. Porque não tornar um facto universal as bibliotecas paroquiais, por exemplo? Difundamos da Bíblia, pelo menos, o Novo Testamento. Já possuimos, até, uma revista popular

de cultura bíblica. É necessário publicar mais livros, monetária e intelectualmente acessíveis ao povo, mas de formação sólida e cheia de actualidade. Lancemo-nos na conquista da mentalidade popular pelo apostolado da leitura.

Mais ainda que os programas da Rádio, os filmes impregnam a vida do povo. O cinema está a avançar, também, no campo. Preparemos o povo rural não só para derrotar os maus filmes, mas principalmente para saber aproveitar a riqueza própria do cinema, tão apto a permitir uma visão vivida e profunda da vida e do mundo. Criar salas católicas exige um público que dê êxito aos bons filmes; para isso, uma das principais condições é adiantar-se a paróquia antes que nela se instale o cinema comercial. Adaptar a programação às condições gerais e regionais, morais e psicológicas do meio rural é também um dos problemas a resolver. Enfim, haja estudo e conjugação de esforços.

Se enquadrarmos todos estes valores de cultura num movimento de formação cristã integral, somos **católicos** e evitaremos que o escândalo do nosso século seja o afastamento do Mundo Rural. Sem dúvida que a inferior condição material do nosso povo camponês é um dos mais fortes obstáculos a enfrentar e a vencer. Isso só demonstra que a solução do problema social dos rurais é humanamente indispensável para haver condições favoráveis a uma vida cristã do meio rural. A promoção humana integral — espiritual, sobretudo — é necessária para que esse mundo não se desvalorize. Se tal se der — e, a não mudarmos o actual estado de coisas, para lá se caminha — perderemos uma das mais sólidas bases da civilização hodierna e duma sociedade cristã, dado o carácter comunitário, a acentuada função social da família, a sanidade de costumes, além doutros valores do povo rural. O Reino de Deus, a economia de Santidade é universal e concreta: deve impregnar os campos, as oficinas, os jornais, os cinemas, as estruturas económico-sociais, as escolas, as famílias, o mundo interior de cada homem.

CLÁUDIO TEIXEIRA

OS PROBLEMAS ECONÓMICO-SOCIAIS DO MUNDO RURAL

O Senhor Engenheiro-Agrónomo Eugénio Queirós de Castro Caldas, professor de Economia Rural do Instituto Superior de Agronomia, é, por força mesmo desta sua função, das pessoas que entre nós melhor conhecem e sentem os problemas económico-sociais do mundo rural.

Além disso, são notáveis os seus trabalhos de técnico e os seus escritos e conferências sobre alguns dos mais palpitantes aspectos das matérias de sua competência, merecendo ser destacadas aqui as lições que proferiu nos Cursos de Deontologia Agronómica e de Sociologia Rural, promovidos pela Secção de Agronomia da Juventude Universária Católica.

Estas razões levaram-nos a pedir-lhe algumas palavras esclarecedoras, ao que o ilustre professor se dignou aceder, prontificando-se gentilmente a responder às perguntas seguintes, que tomámos a liberdade de lhe fazer:

Desejando possuir uma visão sólida e profunda dos problemas sociais do mundo rural, agradeceríamos a V. Ex.ª nos apontasse o critério que permite qualificar como social um dado problema dos nossos campos.

É notória a dificuldade de objectivar de forma iniludível as fronteiras do social. Julgo todavia que não será erro supor que o social se opõe, num agrupamento humano, a tudo o que é ùnicamente individual. Não é colectivamente que damos contas a Deus dos nossos actos, mas não há dúvida que existe uma realidade no mundo e na vida que é o resultado da contribuição de todos, e existe também um círculo humano que nos solicita e envolve; talvez tudo isto seja o social.

Os nossos campos são um facto de ordem técnica sobre o qual assenta a sociedade humana que depende deles e de que eles são também o natural reflexo, contido na forma como são cuidados. Estará, no domínio do social, em relação aos campos, tudo que possa afectar esse conjunto de acções recíprocas, entravando ou acelerando a evolução dos processos em curso.

Com base nesse critério, poderia V. Ex.ª enunciar-nos, dos problemas sociais do mundo rural do nosso País, os que reputa principais e que reclamam mais urgente solução?

Os problemas são tão variados e numerosos que difícil é enumerá-los. Tentemos, no entanto uma síntese tão esclarecedora quanto possível.

Haverá problemas de sentido amplo e outros de projecção restrita.

Dos primeiros, talvez o mais importante seja o da utilização do solo agrícola: saber se temos em vista os interesses das gerações futuras ou se acaso pensamos sòmente no dia de hoje; saber, enfim, se a política seguida é de conservação e melhoramento do solo ou se é de simples acção erosiva e depredadora.

Temos depois problemas da estrutura agrária, isto é, da forma como se distribui a propriedade rústica e se encontra organizada a exploração agrícola; problemas do trabalho que dizem respeito ao contrato de prestação de serviços e às condições em que decorre ao longo do ano a ocupação dos rurais assalariados; problemas do nível do salário e da receita do pequeno agricultor; problemas da instrução geral e técnica dos rurais; problemas do nível de vida material, social e espiritual das comunidades camponesas e tantos outros que seria longo enumerar.

Poder-se-á afirmar que as estruturas económico-sociais do mundo rural também estão a evoluir no nosso País? Em que aspectos essa evolução estará mais acentuada? Quais as vantagens e inconvenientes da mecanização da agricultura, sob o ponto de vista social?

A adaptação das estruturas às novas condições técnicas não é ainda muito sensível no nosso País.

A industrialização está percorrendo a primeira fase, ao mesmo tempo em que se procura resolver o problema da energia e das indústrias básicas. Não há portanto ainda nítida transferência de população do sector agrícola para as indústrias e serviços e, por isso, permanece numerosa a população rural sendo ainda escassas as nossas possibilidades de emprego.

A mecanização da agricultura vem criar problemas sociais de grande gravidade. Mecanizar e motorizar é diminuir a ocupação de mão-de-obra nos campos. Com máquinas importadas é evidente que o desemprego é fatal para os assalariados da agricultura. Mas no dia em que for possível produzir no País grande parte das máquinas, essa nova actividade industrial pode absorver a mão-de-obra sobrante da actividade dos campos.

E os trabalhadores que permanecerem, auxiliados pelas máquinas e motores, trabalharão em condições muito mais favoráveis de produtividade, podendo então auferir maior remuneração.

Claro que o problema da máquina é doloroso apenas para o assalariado. Nas empresas agrícolas do tipo familiar, que abundam no norte do Tejo, a máquina será sempre bem-vinda e só não poderá generalizar-se ràpidamente por falta de disponibilidades económicas dos pequenos empresários.

Que dizer das condições humanas de trabalho e de vida dos assalariados rurais e dos pequenos agricultores? Em que medida são elas aceitáveis, justificáveis, ou exigem emenda?

As condições de vida e de trabalho dos assalariados e pequenos agricultores estão longe de serem razoáveis. Além do salário baixo é grave a falta de segurança social em face da velhice e da invalidez acidental.

Todavia sòmente o acréscimo da produtividade do trabalho conseguido por meio da mecanização e da motorização poderá melhorar a condição camponesa permitindo melhor nível de remuneração. Os rurais sofrem de permanente desemprego,

que se apresenta declarado e estacional entre os assalariados e oculto mas efectivo nos trabalhadores da empresa familiar.

Não havendo emprego útil da capacidade de trabalho disponível, não pode nunca elevar-se a remuneração do trabalho. Por isso haverá que produzir mais com menor sacrifício para salvaguarda da dignidade humana, o que é um dos objectivos da nova organização do trabalho baseada nas exigências da alta produtividade.

A que atribui V. Ex.ª o facto de as populações rurais estarem cada vez mais trocando o campo pela cidade? Que solução poderá dar-se a esta causa de empobrecimento e desvalorização do meio agrário?

Entendo que o «Êxodo Rural» apresenta dois aspectos distintos: abandono do Campo quando este se revela ingrato, em busca de uma vida incerta, na Cidade e no Estrangeiro; e abandono do Campo quando se atende ao apelo concreto de actividades ligadas à criação de novas indústrias e de novos serviços.

No primeiro caso o abandono é doentio e lamentável e conduz, em regra, à destruição de muitas vidas na incerteza da aventura.

Mas no segundo caso o «Êxodo Rural» é benéfico e em certos casos desejável, para estabelecer, sem o sacrifício de vidas, o equilíbrio entre a mão-de-obra abundante e os novos ritmos de trabalho em alta produtividade que a mecanização proporciona.

E se, simultâneamente, a agricultura regional progredir modernizando-se, obtém-se como resultado a elevação do nível de vida dos que permanecem a cimentar uma sociedade rural baseada em melhores condições de prosperidade.

Pensa V. Ex.ª que, mesmo sob o ponto de vista técnico, os princípios postos pela Doutrina Social da Igreja devem ser aplicados — e sê-lo-ão com fruto — na solução dos problemas do trabalho e da propriedade rurais? Quais as dificuldades que a V. Ex.ª se afiguram de mais peso na aplicação prática de tal doutrina?

Que será de nós se os princípios não forem aplicados?

Aumenta-se a distância que separa das Doutrinas a realidade patente dos factos, avolumando-se as imperfeições da Sociedade Humana... em nossa frente há tantos caminhos que, há dois mil anos, aguardam a alvorada dos nossos passos...

É o Egoísmo, a grande dificuldade que se opõe à aplicação da Doutrina Social da Igreja.

Se, efectivamente o Clero tem um papel a desempenhar na solução dos problemas sociais do campo, qual a espécie de contributo que ele para esse efeito deve prestar?

A Sociedade Rural está submetida a um processo de vasta e profunda transformação. As bases materiais em que se apoia estão sendo grandemente modificadas por efeito da expansão do progresso técnico. Essa modificação reflecte-se inevitàvelmente no domínio do espiritual.

Os rurais estão sujeitos cada vez mais à inter-acção social que lhes revela um Mundo Novo, quebrando-lhes o isolamento em que têm estado, há séculos, confinados. O que se lhes oferece é o Bem e o Mal, a Virtude e o Vício. Carecem de carinhoso amparo para fortalecerem a Alma, de modo a realizarem adequada escolha. E para isso tem de se lhes abrir o Espírito à luz da verdadeira Cultura, rompendo as trevas da ignorância.

A Missão do Clero, em face dos problemas sociais do Campo é muito elevada e será, a meu ver, a de ajudar a erguer a Sociedade Rural nova, não transigindo com erros do passado e do presente, ensinando os Homens a olhar confiadamente o futuro, revelando-lhes o milagre da permanente juventude da Palavra de Deus.

Aqui fica, pois, o testemunho de quem com autoridade conhece os problemas económico-sociais cuja solução é indispensável para o meio agrário poder elevar-se integralmente.

Manhã da Anunciação

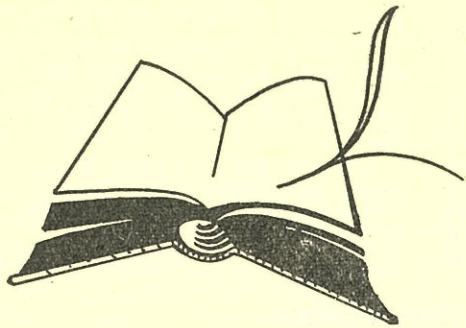
Manhã da Anunciação. Deus Vos desposa.
A terra em flor celebra os esponsais,
Rescende, exulta, e canta esplendorosa:
— Nossa Senhora, como linda estais! —

Lágrima cristalina e silenciosa
Encanta os Vossos olhos virginais:
— Gota de orvalho em pétala de rosa,
Gota de orvalho em horas matinais!

E a lágrima silente em Vosso olhar
Dilui-se fugazmente e vai pousar
No estéril chão, abandonada e fria.

...Porém — ó Noiva de olhos de cristal —
Mais que toda a alegria universal
A Vossa lágrima cantou Poesia!

Fernando Melro



«LIÇÕES DE ABISMO» (1)

Gustavo Corção

O homem corre o risco de esquecer as suas verdadeiras dimensões. Para saber o que é e para onde se dirige importa que o homem faça duas descobertas, descobertas que o colocarão, e ao universo, no lugar que lhes compete segundo o plano de Deus.

A primeira é a do *Outro*. O outro é um sujeito do diálogo. *Alguém* capaz de ouvir e responder. Mais, alguém que é diferente de mim, diferente do *eu* e dos seus interesses. Alguém que tem um fim próprio independente do meu; alguém que, na comparação de Chesterton, é mais do que uma simples sombra a passar de fugida nas paredes da cela de louco, que é o mundo egoísta. Sujeito de diálogo, alguém com destino próprio, o *Outro* é solidário comigo. Eu dou-me a ele; ele dá-se a mim, não no pseudo-amor da mútua fruição das respectivas qualidades, mas numa doação que é pessoal. A descoberta do outro é a descoberta da Caridade, de Jesus Cristo — o *Outro* por antonomásia.

A segunda descoberta é a da morte. Quando o demónio tentou os nossos pais, procurou atingir o que de mais débil há no homem: lembrar-se de que é uma criatura. «Sereis como deuses!» A perfeição de que Deus o dotou pode levar o homem a esquecer a sua contingência. E a morte, ao mesmo tempo que é castigo deste esquecimento, é também sinal da nossa fraqueza. Mais do que sacramento do demónio, é sacramento de indigência.

Gustavo Corção narra-nos estas descobertas nos seus dois livros principais: «*A Descoberta do Outro*» e «*Lições de Abismo*». Bem andou a SET, ao publicar em Portugal a obra do grande pensador brasileiro, em começar por estes livros. O primeiro foi já nestas páginas apresentado. Digamos algumas palavras sobre o segundo.

Gustavo Corção descreve-nos a descoberta da morte através das páginas do diário de um homem culto, inteligente, só (a pseudo-mulher e o pseudo-filho haviam-na abandonado), que sabe ir ser vitimado, inexoràvelmente, em poucos meses, por uma leucémia. A solidão e a proximidade da morte aliam-se para ajudar o moribundo a situar-se sem falsidades nem imposturas no seu autêntico lugar. Não recusando este auxílio, vemo-lo a observar o homem, a mulher, a sociedade, o amor, a natureza nas suas autênticas dimensões. As páginas do mais genuíno lirismo — como aquelas em que Corção nos descreve a vida das rosas da

(1) *Edições SET — Lisboa — 1955*

jarra do doente, as belezas ignoradas que só o Criador contempla na natureza — sucedem-se as da análise cristã do problema social — a descrição da véspera de Natal, da empregada tísica do café. O amor humano está aqui presente de conjunto com penetrante raciocínio metafísico. A acompanhar todo o livro, um juízo acerado sobre a vaidade, a hipocrisia dos homens esquecidos de que um dia estarão perante a morte não com a máscara que apresentam aos outros mas com a realidade do seu ser escondido.

O estilo de Gustavo Corção é simples, vivo, brilhante, actual. Bem fez a SET em não tocar num ou noutro brasileirismo que tanto sabor dão ao estilo do autor.

Dir-se-á que «Lições de Abismo», *romance*, não é um romance. Seja-o ou não — que é um romance? —, eis uma bela obra que vale a pena ser lida.

MIGUEL PONCES

«VALE A PENA VIVER» (1)

Fulton Sheen

Terceira colectânea das famosas palestras feitas por Mons. Fulton J. Sheen na Televisão americana é oferecida ao público português pela Editora Educação Nacional.

Não serão apenas os êxitos de «*O primeiro Amor do Mundo*» e de «*Elevai os Vossos Corações*» que hão-de assegurar o de «*Vale a pena viver*». Esta obra vale suficientemente para sòzinha impor-se e tornar compreendida a fama de Fulton Sheen. Num estilo transparente, numa exuberância de incisivas imagens amenizadas por um elegante «sens of humour», ora comentando aspectos vários da vida internacional, ora reflectindo sobre múltiplos problemas que surgem na vida de todo o homem, o Bispo Auxiliar de Nova Iorque apresenta as dimensões daqueles valores que são os únicos a permitir que se diga: «Vale a pena viver!». O homem procura com avidez a felicidade, mas, simultâneamente, embrenha-se na insatisfação, perde-se no tédio. Falta-lhe o caminhar para a sua finalidade: — «a Vida Pura, a Verdade Pura, o Amor Puro», Deus em quem saciará o seu tríplice desejo de *viver* plenamente, de tudo *conhecer* e de *amar em êxtase constante*.

Mas a esperança que Fulton Sheen apresenta não é expectativa sòmente, não é apenas a certeza dum bom futuro que virá sabe-se lá quando e para quem. O objecto dessa esperança é já pão nosso de cada dia; «a Vida Divina veio à Terra»; «a Eternidade está no tempo».

Fora de Cristo, os valores humanos são rios que não encontram mar, rios sorvidos pelas areias crestadas do Tédio. Ora «do Tédio nasce a revolta».

Óptimo livro para o nosso tempo; para os que tomam o desespero como solução; para os que não acham motivos na defesa de certas virtudes, de certas exigências sociais; e até para os que deslocam a vida de cada dia, a vulgaridade chã que é a existência terrena, daquela finalidade, daquele significado de toda a vida — a sua integração em Cristo, único motivo por que «*vale a pena viver*».

FERNANDO MELRO

«PADRE PIO O ESTIGMATIZADO» (2)

Maria Winowska

É rara mas não estranha a vida deste frade capuchinho que ainda hoje vive no convento de San Giovanni Rotondo, em Itália. É extraordinária mas não incompreensível. Apenas um pequeno trecho da história do amor de Deus pelos homens.

---

(1) — *Editora Educação Nacional — Porto.*
(2) — *Editora Educação Nacional — Porto.*

O Padre Pio é um sinal da misericórdia do Senhor que arranca os incrédulos à dureza do seu pecado.

A autora, conhecida biógrafa do Padre Maximiliano Kolbe, apresenta-nos agora não uma biografia mas um florilégio dos factos mais notáveis da vida do Padre Pio. Todavia, dispõe-os criteriosamente de modo a esboçar por eles o verdadeiro retrato do humilde taumaturgo que apenas deseja encaminhar os homens para Cristo, entregando-se à participação cruenta no mistério da Paixão.

Muito de louvar o constante cuidado de Maria Winowska que, a cada página, lembra o que de prudência, de recato a Santa Igreja exige no caso do estigmatizado de San Giovanni Rotondo. São tão fáceis os «entusiasmo demasiado ingénuos», os «santos exageros»! A própria tradutora, na introdução que escreveu, não soube moderar (talvez inadvertidamente...) uma ou outra afirmação demasiado apriorística. Sirva de exemplo: *«Prisioneiro do Confessionário — por vezes, confessa por dia milhares de pessoas!»*.

Basta uma simples conta para descobrir o exagero...

F. M.

«ÂNCORAS SOBRE O ABISMO» (1)

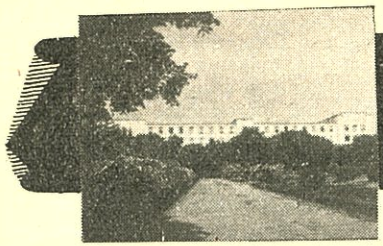
Fulton Sheen

A nova edição de *«Âncoras sobre o abismo»* (vid. *«Novellae Olivarum»* — n.º 116 — Junho de 1954 — págs 187) surge-nos com uma apresentação muito mais simples, bem mais condizente com o valor da obra. Felicitamos os Reverendos Padres Paulistas pelos seus esforços apostólicos de difusão da boa imprensa e desejamos que as circunstâncias sempre lhes favoreçam a melhoria das suas edições.

Quanto à obra, repetimos o que foi dito: — estas várias palestras, «duma actualidade e interesse incontestáveis, fazem-nos entrar e compreender os grandes problemas vitais do homem, após a Incarnação e a Redenção de Jesus Cristo. São actuais porque eternos; tão actuais como verdadeiros. Despertam interesse porque só a solução deles pode satisfazer todas as exigências — as mais profundas — da razão e do coração humanos».

M.

(1) *Edições Paulistas - Lisboa - 1955*



CRÓNICA

SABEDORIA E CIÊNCIA

Pela nossa afortunada localização geográfica, temos a boa sorte de frequentemente ver entre nós mestres da vida ou do saber; as suas palavras, aguardamo-las sempre com devotado interesse.

Falou-nos o nosso Eminentíssimo Patriarca, em 15 de Janeiro, no primeiro retiro mensal. Disse-nos de como a vida e o nosso sonho únicamente poderiam realizar-se numa amizade pessoal a Jesus Cristo. As palavras de Sua Eminência, porque vêm do coração, caiem fundo nos corações. Voltámos a ouvir no mesmo dia, essas palavras de fogo que nos inculcaram a necessidade de viver e sentir sobrenaturalmente cada momento do nosso seminário.

A 20 desse primeiro mês tivemos entre o Rev.º Padre João Maria, dos Irmãos do Padre Foucauld. A sua pessoa era testemunho de pobreza. As suas palavras eram ecos do silêncio e riquezas que dele brotam, a maior dos quais é a grande caridade de dar a todos o que mais precisam: Deus.

Nos princípios de Fevereiro dignou-se visitar a nossa casa Monsenhor João Gabriel, distinto exegeta e orador de relevo. Perante Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, o antigo Reitor da Universidade de Viena falou-nos sobre «A guerra na Velha Aliança».

ACADEMIA

Só nos fins de Janeiro foi possível à Academia de Santo António retomar o curso normal das suas reuniões. Na manhã de 23, José Poças falou-nos de objectivos e dificuldades do movimento ecuménico cristão nos últimos decénios.

Tem procurado a Direcção criar interesse da parte dos académicos. Com esse intento, lançou ela um concurso de perguntas e respostas, nos moldes de outros realizados em anos anteriores. Mas a boa escolha dos temas e a sua cuidada exposição continuam sendo o que na Academia pode suscitar maior entusiasmo. Por isso mesmo, a sessão de 26 de Fevereiro e o tema do «Êxodo rural para a cidade» interessou os assistentes. Falou Cláudio Teixeira. Foi pena que o tempo limitado mais não tenha permitido que uma apresentação esquemática e descarnada de um assunto tão complexo porque muito humano e actual.

Os filósofos organizaram no dia 11 de Dezembro a sua 3.ª sessão; tinha ela por tema «O amor de Florbela Espanca», assunto de si bem capaz de em-

penhar quantos apreciam ainda os valores inegáveis das nossas letras. Muito embora tenha faltado á reunião um ambiente mais acolhedor e artístico, ela teve contudo real interesse pela originalidade e gosto com que Henrique Galvão nos apresentou o seu trabalho.

Agradou ainda mais o programa de 12 de Janeiro. Rematando um concurso de crítica literária, ouvimos o trabalho de José Policarpo, o primeiro classificado. Luís Moita fez algumas considerações cinematográficas.

Voltou a mesma secção a reunir-se no dia 4 de Março. Félix Tavares deu-nos traços resumidos da vida e obras de Mozart. As exemplificações com discos escolhidos e um diálogo final, valorizaram a sessão.

EM FAMÍLIA

Quando os irmãos fazem um só coração e uma só alma, a alegria e a tristeza não são de um, mas de todos. Foi de alegria a manhã de 19 de Fevereiro. Tivemos ordenação geral; vimos muitos dos nossos aproximando-se do Altar de Deus. Os primeiros graus das ordens menores tiveram o número mais elevado de ordinandos. Seguiu-se o diaconado, recebido por dez alunos desta casa. Foram 3 os subdiáconos.

Quis Deus aumentar em nós este espírito de caridade a que Ele preside. Fê-lo levando para Si um dos que mais amávamos, enchendo-nos de saudade os primeiros dias de Fevereiro. Pedia o coração e a fé que eles fossem também de sufrágios pela alma do Manuel Vicente.

No dia 30 de Janeiro passou mais um aniversário de Monsenhor Reitor. Muito embora esteja ausente a pessoa e seus encantos que à maioria de nós já não foi dado conhecer, continua presente o espírito e a vida de quem foi todo para esta casa. Nesta Santa quadra, temos sobremaneira diante de nós a pessoa de Monsenhor Reitor, quando ao findar do dia chegam à nossa alma os primorosos comentários das missas quaresmais.

PERDER E GANHAR

Para nós, a razão de ser do desporto não está na palma ou na derrota. Sabem-no bem os que perdem, que nem com isso se entristecem. Não o ignoram os que ganham, a quem é legítimo, contudo, ter honra na vitória.

Os prometidos campeonatos apareceram. Nos campos de ring exercita-se a atenção e revela-se a agilidade; preferem outros mostrá-las no ténis de mesa. Para os versados em geometria e seus cálculos, há o bilhar. Para todos, há um primeiro lugar à espera.

Sem que o problema seja de concorrência, parece contudo que o volei não conhece idênticos entusiasmos. Escreva-se aqui que já mesmo os filósofos dão lições mestras aos teólogos. Espera-se, todavia, que com a aparição das recentes equipas — o técnico, o prático e o teórico — o volei possa conhecer novo apogeu.

Pelo campo de futebol, as coisas vão bem, e diga-se em desagravo que nesta parte já os filósofos não levam a melhor.

E AINDA

— De 18 a 25 de Janeiro, vivemos o Oitavário. Rezámos pelas ovelhas que não são do redil, aquelas a quem, talvez por nossa culpa, não chegou ainda a voz do Pastor. Deram-se alguns ao trabalho de ir documentando, nos quadros da

Obra dos Coadjutores Espirituais, os graves problemas dessas igrejas afastadas. Confessemos que aquela organização não tem despertado agora os nossos entusiasmos. Bem iria se em seu lugar houvesse verdadeira devoção pela catolicidade da Igreja. Mas, para nós, será acaso possível a paixão pela Esposa de Cristo se não a amarmos na nossa diocese? — No dia 22 ouvimos as palavras do Rev. Doutor Ervino Helmle que se dignou fazer-nos uma conferência sobre o problema das Igrejas Orientais separadas. Apreciámo-la e agradecêmo-la. Alguns documentários sobre Marrocos completaram a sessão.

— No dia 22 de Janeiro celebrámos a festa de S. Vicente. É justa a alegria de nos sabermos a voz da Igreja Lisbonense na homenagem ao seu patrono.

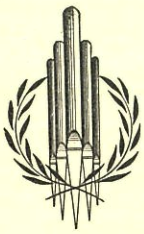
— Reuniu-se a 12 de Fevereiro o Círculo Missionário. Foi realizada a distribuição de prémios da campanha do Natal e António Aguiar apontou-nos a infiltração protestante nas nossas províncias de além-mar.

— Mais escutas vieram aumentar o nosso Clan. Os 4 novos caminheiros fizeram a sua promessa em 22 de Fevereiro.

— Na redacção desta Revista continua o entusiasmo. Têm-nos servido de estímulo as boas referências que mesmo de além-fronteiras nos vêm chegando. É ainda fruto da nossa dedicação a mudança de tipografia.

— Também as audições mensais destas tardes domingueiras tomaram este ano novo rumo. Procurando corresponder a uma afluência maior de interessados pela «divina arte», há uma criteriosa escolha de peças no desejo de dar uma formação musical melhor sistematizada e mais completa. O senhor Cónego Gregório Neves, com Miguel Ponces, quiseram entregar-se à tarefa de nos dar, no presente ano e seguintes, uma evolução comentada da música polifónica. Estamos agradecidos.

ALBINO CLETO



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O Órgão aprovado pelo VATICANO

Demonstrações:

CASA RUVINA

Rua Formosa, 173 — PORTO

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquissima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições 4 estrangeiras e 3 nacionais

1874 — 1955

81 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO

AGÊNCIA MAGNO

FUNERAIS — TRASLADAÇÕES
EMBALSAMAMENTOS -- TRANSPORTES
ARTIGOS FÚNEBRES — DECORAÇÕES

Sede: Rua Santa Marta, 52-A, 56-A
Telefones: P.P.C.A. 43189, 43180e 55301

ÚNICAS SUCURSAIS

Cal. Marquês de Abrantes, 113 a 117
Telef. 662772
Rua Frederico Arouca, 62 — Telef. 22
CASCAIS

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto.



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos FREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

RUA DE SANTA JUSTA, 27 — LISBOA

FUNDADA EM 1756

«Cenáculo»

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

Transportes Marítimos e Aéreos

Seguros

Carvão

REPRESENTAÇÕES (Industriais, etc.)

Exportações e Importações

NO PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.ª, L.da

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13—LISBOA

Viúva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para:

escrever
impressão
e embrulho

Armazém de papéis
nacionais e estrangeiros
e papelão

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones | Escritório 31721
Papelaria 31722

R. da Madalena, 10-22—LISBOA

SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LIMITADA

ESTOFADORES E DECORADORES
Rua Augusta, 126-130— Telel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios, os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado

SEDAS, DAMASCOS E BROCADOS PRÓPRIOS PARA DECORAÇÕES DE IGREJAS

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Américo Martins Paixão

Alfaiate

Especializado em toda a obra eclesiástica

Rua Ferreira Borges, 37-41 — LISBOA

ÉNA Casa Avé Maria

Rua da Prata, 75 — LISBOA

Telef. 26127

que V. Ex.ª encontra, a preços módicos, um bom sortido de todos os

ARTIGOS RELIGIOSOS

Antiga Fábrica de Velas

de

Alfredo Cadete Pereira

Alcanena — Monsanto

Velas de cera Litúrgicas e de promessa

Preços especiais para os Rev.dos Padres e Irmandades

A COROA DE OURO

CASA DAS FLORES, L.da

Rua do Crucifixo, 94-96-98
Esquina da Rua da Vitória, 104-106-108
TELEFONE 20 100

SANTEIRO DECORADOR COM OFICINA PRÓPRIA

Restauro em imagens antigas e modernas
As mais perfeitas imagens em talha de madeira, massa e terracota
Flores artificiais em todas as qualidades e para todos os fins

TUDO O QUE PERTENCE A ARTE SACRA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

Rua da Vitória, 82 a 88 — **(Fundada em 1832)** — Rua do Ouro, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões — Banheiras — Caldeiras Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS ◆ CASAS DE BANHO ◆ PÁRA-RÁIOS ◆ AQUECIMENTO CENTRAL ◆ ASCENSORES ◆ VENTILAÇÃO ◆ ELÉCTRICAS ◆ CONTRA INCÊNDIOS ◆ TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

LANIFÍCIOS
PRETOS, MEIAS
DE ALGODÃO,
LÃ E NYLON

Tecidos pretos R.M.
PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço



NA CATEQUESE

NA ESCOLA

EM SUA CASA

Aparelhos de Cinema e Protecção fixa

Filmes e Diapositivos culturais, recreativos e religiosos

Consulte sempre : **Pathé-Baby Portugal, L.da**

LISBOA — Rua S. Nicolau, 22

Norte — PORTO — Rua Santa Catarina, 315

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

«É preciso guardar com o maior cuidado, no interesse da Nação, todos os elementos da que se poderia chamar «genuina Civilização Rural»: O espírito de trabalho; a simplicidade de costumes; o respeito pela autoridade, sobretudo à dos pais; o amor da Pátria e fidelidade às tradições que durante séculos se mostraram fecundas no bem; a prontidão para o recíproco auxílio, não só no círculo familiar, mas também de família em família, de casa em casa; e, finalmente aquele único valor sem o qual todos os outros não teriam consistência, perderiam todo o mérito e terminariam numa desenfreada ambição de ganâncias — «o verdadeiro espírito religioso».

«... Com muita paciência e habilidade é necessário voltar o mundo campestre ao caminho da sua salvação, combater os seus defeitos, vencer a fascinação por um mundo que lhe é estranho. De resto, a moderna Legislação Social deve oferecer também as suas vantagens às populações rurais... Antes de mais, que se lhe dê a possibilidade de uma educação cuidada, prudentemente adaptada às suas necessidades, que estimule o seu aperfeiçoamento profissional. Por fim — e isto é imprescindível — nunca insistiríamos com demasiado vigor em que se dê, às populações Católicas, uma séria formação Católica».

PIO XII

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI «OLIVAIS»